

Buzzi Rausch, Rita; Dubiella, Eliani

Fatores que promoveram mal ou bem-estar ao longo da profissão docente na opinião de professores
em fase final de carreira

Revista Diálogo Educacional, vol. 13, núm. 40, septiembre-diciembre, 2013, pp. 1041-1061

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189129169012>



Fatores que promoveram mal ou bem-estar ao longo da profissão docente na opinião de professores em fase final de carreira

Factors promoting malaise or well-being along teaching profession according to the opinion presented by teachers at the final stage of their careers

Rita Buzzi Rausch^[a], Eliani Dubiella^[b]

^[a] Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, SC - Brasil, e-mail: rausch@furb.br

^[b] Graduada em Moda pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), integrante do grupo de pesquisa Formação e Atuação Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição, Blumenau, SC - Brasil, e-mail: elianidubiella@hotmail.com

Resumo

O objetivo da pesquisa foi identificar os principais fatores que contribuíram com o mal ou bem-estar ao longo da profissão docente na opinião de professores da rede municipal de ensino de Blumenau em fase final de carreira. O bem-estar refere-se à realização profissional, promovendo satisfação e comprometimento, e o mal-estar, à insatisfação, tristeza e desânimo, que, muitas vezes, levam ao adoecimento do professor. A pesquisa caracterizou-se como qualitativa e exploratória. Como instrumento de coleta de dados,

aplicou-se um questionário a 34 professores. Os dados foram analisados buscando evidências das satisfações e insatisfações dos docentes e categorizados em quatro dimensões: pessoal, interpessoal, organizacional e social. Como fatores que promoveram mal-estar, destacaram-se: baixos salários, desvalorização profissional, estrutura física inadequada, carga horária excessiva, turmas lotadas, ausência da família no apoio e acompanhamento dos educandos e falta de limites dos alunos. Como principais fatores de bem-estar, tiveram destaque: relação professor-aluno, relação professor-professor, aprendizagem dos alunos e formação contínua. Portanto, destacaram-se as dimensões organizacional e interpessoal como maiores promotoras de mal e bem-estar docente, respectivamente. Os resultados revelaram, ainda, que prevaleceram situações de mal-estar em decorrência de situações de bem-estar ao longo da profissão docente dos professores da rede municipal de ensino de Blumenau e que praticamente a metade dos pesquisados, se pudesse voltar, escolheria outra profissão. Isso sinaliza que é preciso urgentemente desenvolver ações coletivas que ampliem situações de bem-estar na profissão docente.

Palavras-chave: Mal-estar docente. Bem-estar docente. Profissão docente.

Abstract

The objective of this research was to identify the main factors contributing to the feelings of malaise or well-being throughout the teaching profession in the opinion presented by teachers in Blumenau Municipal Education at the final stage of their careers. The well-being refers to the professional achievement, promoting satisfaction and commitment, and the malaise means dissatisfaction, sadness and hopelessness that often lead the teacher to a state of illness. The research is characterized as qualitative and exploratory. As a tool for data collection, we applied a questionnaire to 34 teachers. Data were analyzed for evidence of teachers' satisfactions and dissatisfactions and were categorized into four dimensions: personal, interpersonal, organizational and social. The highlighted factors promoting malaise are: low salaries, professional devaluation, inadequate physical structure, excessive workload, crowded classes, dismissal of the family in supporting and monitoring the students, and students' lack of boundaries. The main factors promoting well-being included: teacher-student and teacher-teacher relationships, student learning and continuous training. Therefore, the organizational dimension is emphasized

as the largest promoter of malaise and the teaching interpersonal dimension is seen as the largest promoter of teaching well-being. The results also revealed that some situations of discomfort prevailed due to situations of well-being throughout the profession of teachers in Blumenau Municipal Education and nearly half of respondents would choose another profession if they could go back in time. This indicates that it is urgent to develop collective actions in order to enhance situations of well-being in the teaching profession.

Keywords: *Teaching malaise. Teaching well-being. Teaching profession.*

Introdução

Ao longo de nossos estudos acerca da atuação e formação de professores, deparamo-nos com leituras que nos fizeram entender que é impossível separar as dimensões pessoal e profissional dos trabalhadores da educação. Nóvoa (2009) reforça que o professor é pessoa e que a pessoa é o professor; que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Essa perspectiva leva-nos a entender que os professores são pessoas inteiras. Não se trata de regressar a uma visão romântica do professorado (a conceitos vocacionais ou missionários), mas de reconhecer que a necessária tecnicidade e científicidade do trabalho docente não esgotam todo o ser professor, sendo fundamental reforçar a pessoa-professor e o professor-pessoa (NÓVOA, 2009).

Entretanto, nossas leituras fizeram-nos perceber também que a pessoa do professor não está bem. Os problemas relacionados à satisfação docente são conhecidos na literatura. *El malestar docente, malaise enseignant e teacher burnout* são expressões que entraram recentemente no vocabulário cotidiano do professor para ressaltar os efeitos de caráter negativo que hoje afetam a sua pessoalidade. Conforme Romão (2007), ainda pouco conhecida no Brasil, a síndrome de *burnout* literalmente quer dizer queimar completamente para fora, extinguir-se como uma vela acefa, perder a energia. É a síndrome do esgotamento profissional, por meio

da qual o docente perde o sentido da sua relação com o trabalho e, na maioria das vezes, o próprio sentido da vida. Codo (1999), que coordenou uma pesquisa que se realizou no Brasil sobre essa síndrome, denominou-a síndrome da desistência do educador.

Destaca-se, ainda sobre esse tema, a obra de Esteve (1987), em que se evidenciou o mal-estar docente de professores em Portugal. O termo adotado inicialmente pelo autor em 1994 (com tradução para o Brasil em 1999) representa a situação preocupante vivida pelos professores que se encontram desmotivados ou apresentam problemas de saúde, prejudicando o bom desempenho no trabalho pedagógico. Esse quadro é tão preocupante que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) caracterizou a docência como profissão de risco físico e mental.

Em contrapartida, novos estudos vêm reforçar o bem-estar docente, justificando que é condição à boa prática educativa (MARCHESI, 2008). Consoante Picado (2009), apesar da gravidade do mal-estar docente, muitos professores conseguem reagir adaptando-se às dificuldades profissionais provindas da mudança acelerada da sociedade, conseguindo desenvolver bem-estar docente. Entretanto, em docentes brasileiros, não são bem compreendidas as causas do bem e do mal-estar. Sabemos que, no Brasil, o baixo salário é um dos principais motivos de insatisfação dos professores em exercício. Em Blumenau (SC), além desse agravante, fatores de ordem ambiental vêm provocando insatisfações em toda a comunidade blumenauense e a região. Obviamente, devem existir outros fatores e na tentativa de identificá-los é que nos propomos a realizar esta pesquisa.

Devido ao mal-estar docente ter repercussões psicológicas e educacionais muito negativas (MANDRA, 1984) e o bem-estar docente ser uma alavanca à qualidade da educação e, consequentemente, à aprendizagem escolar, é fundamental que sejam objetos de pesquisas, pois podem contribuir com reflexões que levem à melhoria da educação. Nesse sentido, nossa intenção não é só levantar fatores negativos à profissão, mas também fatores positivos que contribuem com o bem-estar docente. Em síntese, este trabalho questionou professores da rede municipal de ensino de Blumenau em fase final de carreira, buscando respostas para a

indagação: quais são os principais fatores que provocaram mal e/ou bem-estar docente ao longo da profissão de professor?

Conforme Picado (2009), podemos concentrar em duas razões a importância atribuída à temática pela comunidade científica internacional: por um lado, a necessidade de encontrar novas formas de compreensão do exercício da profissão docente; por outro, a necessidade de tomar decisões operacionais que efetivamente transformem esse exercício. A primeira volta-se ao domínio das ideias, ao nosso entendimento/interpretação do que é o professor hoje, e a segunda, ao âmbito da formação, entendido de maneira ampla, de forma a conduzir o professor a experienciar bem-estar profissional, ainda que conviva com várias situações problemáticas.

Os resultados pretendem evidenciar, a partir dos fatores de mal e bem-estar docente apresentados, o predomínio de uma avaliação negativa ou positiva acerca da profissão em nosso município pelos próprios professores.

Mal-estar docente

Conforme Esteve (1987), o termo ‘mal-estar docente’ é um conceito da literatura pedagógica que pretende sintetizar o conjunto de reações dos professores como um grupo profissional desajustado devido à mudança social acelerada. É uma expressão utilizada quando se pretende descrever os efeitos permanentes e negativos que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência. Conceitua-se o mal-estar docente como sendo os comportamentos que expressam insatisfação profissional, elevado nível de estresse, absentismo, falta de empenho em relação à profissão e desejo de abandonar a carreira profissional, podendo, em algumas situações, resultar em estados de depressão.

Várias fontes apontam que nos últimos anos o processo de aumento de responsabilidade e a rápida transformação do contexto social geraram muitas modificações no papel do professor, causando mal-estar para muitos deles. Em Portugal, Jesus (1998) vem investigando essa temática

e comprehende que esse conceito é um fenômeno que sofre influências de diversos fatores, com destaque para os fatores sociopolíticos, pessoais e da formação profissional. Ele considera que as mudanças sociais ocorridas, principalmente da metade do século XX em diante, influenciaram significativamente a educação e contribuíram decisivamente para a desvalorização do papel do professor. As principais mudanças, para Jesus (1998), foram:

- a) a era da informação: no passado, a transmissão de conhecimentos era atribuída ao professor. Atualmente, a mídia e a internet, entre outros, assumiram também essa função;
- b) a democratização do ensino: a escola passou a ser obrigatória, aumentando o número de alunos e de professores, porém a formação docente não corresponde às necessidades e muitos assumiram a profissão docente sem ter certa identificação pessoal com ela;
- c) as novas exigências: além do conhecimento de novos métodos e técnicas de ensino, o professor assume a função educativa que antes era da família e ainda se responsabiliza por atividades extraclasses, reuniões, preparação de aulas, correção de atividades, avaliações de alunos etc.;
- d) a falta de materiais: nem sempre o professor consegue pôr em prática o que almeja, visto que as salas de aula geralmente estão lotadas, não contêm recursos físicos e materiais suficientes, além de faltar incentivo à formação docente;
- e) o salário: outras profissões, com menor ou igual nível de formação, costumam receber um salário bem maior que o do professor, denegrindo o *status* da profissão docente.

Nesse sentido, pesquisadores que focaram seus estudos no mal-estar docente apresentam uma preocupação com o impacto negativo da desmotivação de professores na qualidade da educação. Codo (1999) realizou uma pesquisa junto a 39 mil educadores no Brasil, na qual evidencia que quase metade (48%) dos docentes possui a síndrome de *burnout*.

Embora tenhamos esse percentual elevado de professores com essa doença, conforme Benevides-Pereira (2002, p. 4), ela ainda é desconhecida por muitos professores, “[...] apesar da primeira publicação datar do final da década de 60, passando a se consolidar na década seguinte, em nosso país, mesmo sendo prevista como doença do trabalho, ainda é desconhecida entre boa parte de nossos profissionais”.

Em uma pesquisa feita na Europa, Esteve (1999) destaca como principais fatores ao mal-estar docente: debilidade dos recursos materiais e condições de trabalho; violência nas instituições de ensino; esgotamento docente e acumulação de exigências sobre o professor; modificação quanto ao papel do professor (burocratização da profissão e transferência de papéis da família para a escola); modificação do contexto social (multiculturalidade e inclusão); redefinição dos objetivos do ensino e avanço do conhecimento (massificação do ensino e constantes alterações das metodologias pedagógicas). Os resultados do mal-estar docente crônico no qual vivem os professores acarretam custos elevados a eles, aos alunos e ao sistema de ensino. Esteve (1999) destaca alguns: problemas de ajustamento e equilíbrio perante os problemas reais da prática do ensino em contradição com a imagem ideal do professor; licenças por doença; aumento de pedidos de aposentadoria; solicitação de tempo parcial e rejeição à profissão; doenças nervosas; pedidos de mudança de escola; inibição do professor em face do seu trabalho; e recurso a um estilo mais rígido e distante, em que a relação reduz-se ao âmbito estrito dos conteúdos, evitando o diálogo e a crítica.

Em síntese, as pesquisas apresentadas indicam que, hoje, de modo mais intenso, a submissão do trabalhador da educação à realização de um trabalho esvaziado de seu sentido compromete a concretização de uma educação para a emancipação e para a autonomia. Baixos salários, péssimas condições de trabalho e desvalorização profissional são alguns dos fatores que, acrescidos das mutações do trabalho e suas implicações para as relações de produção, colaboraram para o agravamento desse quadro. O professor, para minimizar o mal-estar proveniente do exercício de uma atividade

de trabalho em que se esvaem suas energias, procura formas para escapar do mal que se abate sobre ele e conclama ajuda da sociedade.

Bem-estar docente

O trabalho dos professores é repleto de emoções, que desempenham um papel determinante na sua satisfação profissional; conforme Hargreaves (2004, p. 97), “as emoções estão no coração do ensino”. Para Marchesi (2008), o trabalho no ensino está baseado principalmente nas relações interpessoais com os alunos e os colegas, razão pela qual as experiências emocionais são permanentes: irritação, alegria, ansiedade, afeto, preocupação, tristeza, frustração etc. Além disso, está comprovado que o trabalho de um docente é emocional, mas nem todos experimentam as mesmas emoções. Os equilíbrios desses sentimentos dependem de suas condições de trabalho. Tal autor destaca ainda que o bem-estar emocional é uma das condições necessárias para a boa prática educativa. É preciso que o professor sinta-se bem para educar bem, sem esquecer que o bem-estar emocional deve vir acompanhado do saber e da responsabilidade moral, para que a atividade docente atinja sua maturidade. É por isso que mais recentemente voltamos nossas preocupações para o bem-estar dos professores.

Para Jesus (1998), o termo ‘bem-estar docente’ traduz a motivação e a atuação do professor em virtude de um conjunto de competências de resiliência e de estratégias desenvolvidas para conseguir desenvolver seu trabalho em face das exigências e dificuldades profissionais, ultrapassando-as e melhorando o seu desempenho. É uma espécie de avaliação positiva que os professores fazem sobre sua própria vida. Nesse sentido, conforme Picado (2009), o bem-estar passa a ser objeto de investigação, principalmente da psicologia positiva.

O bem-estar docente é entendido como um fator necessário ao bem-estar dos alunos. O professor motivado e realizado tem maior probabilidade de ter alunos que também possuam tais características. Conforme Marchesi (2008), é uma necessidade proveniente do próprio

sentido da atividade docente e da constatação de que, em grande medida, a força da educação reside no encontro, na comunicação, na cumplicidade, nos projetos compartilhados, na sensibilidade, nos objetivos alcançados e na preocupação com os outros. O autor destaca ainda que a colaboração e o trabalho em equipe são fatores que contribuem para manter o ânimo dos professores, pois facilitam a confiança e o apoio mútuo.

Portanto, o bem-estar precisa ser alvo de interesse tanto das administrações educacionais quanto dos próprios professores. No que tange à administração educacional, já foi comprovado que boa parte do equilíbrio emocional dos professores depende das condições de trabalho. Quando a administração oferece formação e apoia os projetos de inovação dos docentes, a probabilidade de que se sintam mais satisfeitos aumenta. Os recursos disponíveis e as condições em que os docentes realizam seu trabalho também necessitam ser observados. Marchesi (2008) defende que, nas escolas em que as dificuldades aumentam como consequência do contexto sociocultural em que estão localizadas ou pelas características de seus alunos, os professores deveriam dispor de meios, tempo e condições mais vantajosos que os demais. Não é possível tratar todas as escolas de maneira similar. Faz-se necessário valorizar o trabalho bem feito, animar e apoiar a inovação e o trabalho coletivo e reforçar a identidade profissional dos docentes.

No que se refere ao docente, é preciso que ele próprio, também, cuide de seu bem-estar emocional e profissional. Para Wenger (1998 apud MARCHESI, 2008), a identidade profissional é composta por diferentes dimensões e relações que devem ser integradas: a experiência pessoal, o sentimento de pertencimento a uma comunidade, a trajetória de aprendizagem e os diversos pertencimentos a grupos diferenciados. Confiança e autoestima, juntamente relacionadas, estabelecem o núcleo básico da identidade profissional. Marchesi (2008) destaca que manter colegas e amigos para compartilhar e inovar, bem como ter um distanciamento suficiente, assumindo os compromissos com paixão, auxilia esse processo. Portanto, emoção, compromisso, vida afetiva e atitude ética estão intimamente relacionados.

Procedimentos metodológicos

Nosso estudo foi decorrente de uma pesquisa de abordagem qualitativa e de caráter exploratório. A coleta de dados deu-se por meio de questionário com questões fechadas e abertas aos docentes que estavam em fase final de carreira (faltando até cinco anos para se aposentar no primeiro semestre de 2010) na rede municipal de ensino de Blumenau. Pedimos permissão ao secretário de Educação do município para adentrar nas escolas públicas municipais como pesquisadoras. O levantamento dos nomes e contatos dos professores sujeitos da pesquisa foi feito diretamente nas coordenações pedagógicas de sete escolas do município sorteadas para tal.

Os questionários foram entregues nas coordenações pedagógicas de cada escola, que se prontificaram a nos ajudar na coleta dos dados, responsabilizando-se por entregar e explicar o instrumento, dando aos professores o prazo de dez dias para seu preenchimento e devolução. Após 15 dias da entrega, retornamos às escolas para recolher os questionários. Participaram da pesquisa, respondendo ao questionário, 34 professores com previsão de aposentadoria até o ano de 2014, a maioria com 25 anos ou mais de experiência no magistério e atuando no Ensino Fundamental. Quanto à formação dos participantes, todos cursaram licenciatura e, além disso, 16 realizaram pós-graduação em nível de especialização e um, em nível de mestrado.

Após a leitura minuciosa e interpretação dos questionários, analisamos os fatores que promoveram mal ou bem-estar ao longo da profissão docente na percepção dos professores participantes e organizamos os dados em quatro dimensões: pessoal, interpessoal, organizacional e social. No intuito de respeitar os dizeres dos professores, optamos por apresentar os dados nas dimensões anteriormente apresentadas tanto para o mal-estar quanto para o bem-estar. Salientamos, entretanto, que, diante da complexidade da separação dos dados, tivemos muitas dificuldades para classificá-los em uma ou outra dimensão. Como destacam Mosquera e Stobäus (1996, p. 141), “o mal-estar docente é doença social que provoca a pessoal e é causado pela falta de apoio da sociedade aos professores,

tanto no terreno dos objetivos de ensino, como nas compensações materiais e no reconhecimento do status que se lhes atribui". Ainda nessa direção, Esteve (1999, p. 12) alerta-nos de que "a dor é algo determinado e que podemos localizar. A doença tem sintomas manifestos. Quando usamos o termo 'mal-estar' sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e por quê". Nesse sentido, precisamos salientar que os dados foram organizados em dimensões para facilitar a análise, mas é preciso entendê-las de maneira intimamente imbricadas.

Fatores que promoveram mal-estar na percepção dos professores

O termo 'mal-estar docente' surgiu na literatura educacional como resposta às reações dos professores em relação ao seu desajustamento diante das mudanças sociais enfrentadas pela sua profissão. Esse mal-estar comporta sentimentos de desmoralização, desmotivação e desencantamento, que emergem dos professores "devido às vicissitudes do processo de reconstrução identitária em que a emergência da mudança [...] como finalidade da educação, irreversivelmente os colocou" (PICADO, 2009, p. 2).

De acordo com as respostas obtidas em nossa pesquisa, os fatores de ordem organizacional foram os mais apontados pelos sujeitos da pesquisa como provocadores de mal-estar, seguidos dos fatores interpessoais e sociais. Apresentamos a seguir alguns dizeres que evidenciam tal afirmação:

Remuneração salarial insatisfatória, muitas exigências da SEMED/PMB e poucas recompensas e valorização profissional, formação continuada "feita nas coxas" (P. 3).

Salários baixos e infraestrutura precária (P. 5).

Desvalorização profissional, descaso do poder público em relação à educação; superlotação das salas; conflito entre famílias x escolas, falta de comprometimento (família, poder público, profissionais) violência x disciplina; falta de compromisso e responsabilidade por parte dos alunos, salários defasados (P. 11).

Os dados evidenciam certo descontentamento dos professores com o poder público, especialmente no que concerne à desvalorização salarial e à precária infraestrutura das escolas em que atuam. Conforme Wajskop (2009), temos testemunhado nas duas últimas décadas investimentos em reformas educacionais no Brasil e em várias partes do mundo, de maneira a fazer frente aos desafios das sociedades atuais. Os avanços são evidentes na expansão quantitativa em todos os níveis de ensino, principalmente por meio da entrada e permanência de maior número de alunos nas instituições educacionais e da elaboração de políticas e ações públicas que visam a uma educação equitativa e com qualidade para todos. Entretanto, apesar de todos esses esforços, ainda não se conseguiu concretizar muitas das metas estabelecidas e regulamentadas em nosso país relativas à qualidade de ensino e à valorização do trabalho do professor.

Como consequência, questiona-se mais e mais o papel e a função docente, buscando-se nos professores, diretores e especialistas da educação um apoio efetivo para a realização das reformas em sala de aula. Contradicoratoriamente, porém, os professores, que são personagens fundamentais desse cenário, têm sido pouco ouvidos (WAJSKOP, 2009, p. 7).

A submissão do professor à realização de um trabalho esvaziado de seu sentido compromete a concretização de uma educação para a emancipação e a autonomia. Como evidenciam os dizeres dos professores apresentados anteriormente, baixos salários, péssimas condições de trabalho, formação contínua desconectada da prática docente e desvalorização profissional são alguns dos fatores que colaboraram para o agravamento do mal-estar docente.

Nossos sistemas de ensino, empilhados e burocratizados, remendados e apressadamente reformados pelos sucessivos Responsáveis que pretendiam fazer frente às mudanças sociais urgentes, têm multiplicado as exigências contraditórias, desconcertando ainda mais os professores, sem, no entanto, conseguir — como reconhecem publicamente esses mesmos responsáveis — estruturas de ensino adequadas às novas

demandas sociais. A sociedade e a administração do ensino acusam os professores de constituir um obstáculo ante qualquer tentativa de renovação. Os professores, por sua vez, acusam a sociedade e a administração do ensino de promover reformas burocráticas, sem na prática dotá-los das condições materiais e de trabalho necessárias para uma autêntica melhora de sua atuação cotidiana de ensino [...] (ESTEVE, 1999, p. 22).

Fatores de ordem interpessoal também se destacaram como promotores de mal-estar nos professores, conforme segue:

Alunos sem limites, sem valores, sem educação; Falta de acompanhamento dos pais em relação aos estudos dos filhos (P. 4).

Conviver com pessoas insatisfeitas com o que realizam e que não têm coragem de buscar novos horizontes (P.12).

Críticas destrutivas, competição entre professores. Falta de compromisso de alguns pais, para com a educação de seus próprios filhos (P. 23).

As principais reclamações dos professores no âmbito interpessoal voltam-se à falta de coletividade da classe docente, à ausência da família no apoio e acompanhamento dos educandos e, como consequência, à falta de limites dos alunos.

O ritmo de vida alucinante das sociedades modernas, com a entrada da mulher no mundo do trabalho, a colocação dos avós em depósitos esquecidos, o número crescente de famílias monoparentais ou pluri-parentais (dois pais, duas mães), a ilusão de que um bom brinquedo substitui um gesto de carinho ou uma história, porque não há tempo para tal... enfim, todo este tipo de carência afectiva de que o aluno é eventualmente portador faz aumentar significativamente as suas responsabilidades, em áreas anteriormente votadas à esfera íntima da família. Dele se espera actualmente que assuma, a pouco e pouco, o papel de substituto do pai ou da mãe, ou que seja, pelo menos, o amigo e companheiro em quem o aluno possa confiar (SOUSA, 2001, p. 7).

A família que abre mão de sua responsabilidade educacional, porém a exige, e, com isso, o aumento de responsabilidades e exigências em relação ao professor certamente contribuem para aumentar seu mal-estar docente. Os valores sociais emergentes afetam, sem dúvida, a atividade docente, tornando-a cada vez mais complexa e exigente. Como destaca Romão (2007), nos últimos anos, há pessoas e instituições cuidando dos vários componentes e atores dos sistemas educacionais, mas há poucas pessoas cuidando dos docentes. Ao contrário, a sociedade responsabiliza-os por quase todas as mazelas sociais, derivando-as da má-educação, além de lhes cobrar, cada vez mais, funções variadas e complexas, antes exigidas de outras instituições, como, por exemplo, a família.

Com certeza, por causa dessa pressão social, a maioria dos profissionais tem desenvolvido uma série de patologias que podem ser sintetizadas naquilo que se convencionou chamar “mal-estar docente”. Os fatores desse mal podem variar de lugar para lugar, mas, em geral, conjugam-se em uma espécie de “disfunção estrutural”, ou seja, os docentes não conseguem mais se desincumbir das tarefas que a sociedade contemporânea exige deles e, por isso, podem estar em vias de extinção, como alerta Cortesão (2002). Daí talvez resulte a falta de muitos profissionais em várias áreas do conhecimento em nosso país.

Salientamos que não conseguimos vislumbrar nas respostas dos professores indícios de fatores pessoais como promotores de mal-estar docente. Isso, de certa forma, remeteu-nos a pensar sobre a falta de reflexão dos professores sobre si, resultando na ausência de metarreflexões, ou seja, conforme caracterização de Sá-Chaves (2005), não evidenciamos nas respostas dos professores níveis complexos de lógica reflexiva, como o nível metacrítico, em que o indivíduo, ao analisar a si mesmo, reconhece-se como um dos responsáveis pelo acontecimento focalizado, e o nível metapraxista, em que o indivíduo, ao reconhecer o seu papel, (teoricamente) exerce esse conhecimento para transformar o contexto em que está inserido.

Fatores que promoveram bem-estar docente na percepção dos professores

De acordo com as respostas obtidas na nossa pesquisa, os fatores interpessoais, seguidos dos fatores sociais, pessoais e, em menor evidência, organizacionais, foram os mais apontados pelos sujeitos como provocadores de bem-estar. Apresentamos a seguir dados que comprovam tal resultado:

As experiências escolares que me oportunizaram a compartilhar saberes, dúvidas, valores e normas a serem seguidas por nós professores e nossos alunos, a partir da troca de nossas vivências conjuntas nos vários espaços e tempos escolares (P. 1).

O reconhecimento do meu trabalho e dedicação, pelos alunos. Mais tarde, a satisfação de ter contribuído para a formação educacional, pessoal e profissional de meus alunos; ser reconhecida por eles em ambientes públicos com cumprimentos e gentilezas (P. 4).

A aprendizagem dos alunos. A afetividade das crianças para com o professor (P. 9).

Como fatores interpessoais, os professores destacaram principalmente as relações professor-aluno e professor-professor. Conforme já apresentado, para Marchesi (2008), é fundamental em tal processo manter colegas e amigos para compartilhar e inovar, visto que a docência está baseada principalmente nas relações interpessoais com os alunos e os colegas, razão pela qual as experiências emocionais são permanentes. Assim, a colaboração e o trabalho em equipe deixam os professores mais animados com seu trabalho pedagógico.

A aprendizagem dos alunos, principal atribuição do ensino, também foi algo destacado como aspecto que promove bem-estar pelos professores. Nesse sentido, avançar para uma escola centrada na aprendizagem, como atesta Nóvoa (2007), é um caminho que pode ampliar

situações de bem-estar nos professores. Outros fatores de ordem social também foram mencionados:

Ver alunos em atividades profissionais bem sucedidas (P. 6).

Sentir-se parte da evolução de uma comunidade; ter famílias e alunos aliados no processo em geral; ser parte da história de vida de muitas famílias; ser professora no verdadeiro sentido da palavra (P. 20).

Evolução dos alunos como pessoas e profissionais, realização de bons projetos sociais (P. 25).

O caráter social e ontológico do trabalho docente foi evidenciado nas respostas dos professores, o que contribui para seu reconhecimento como sujeito partícipe da produção da história e, em particular, de sua cultura. Já no que se refere à dimensão pessoal como promotora de bem-estar, a qual não apareceu nas respostas referentes aos fatores que provocaram mal-estar docente, destacamos:

Crescimento profissional, compromisso com a educação, responsabilidade para com as crianças, participação de cursos que envolvam aprendizagem, enfim, um crescimento e desenvolvimento em todas as áreas (P. 23).

Encontrar alunos que tenham o prazer de estudar, que buscam pelo professor para ampliar seus conhecimentos e principalmente encontrar ex-alunos que dizem anos mais tarde que sentia na tua pessoa o 'amor' por ensinar (P. 30).

Perceber meu crescimento envolvendo conceitos; avaliação, educação especial, planejamento interdisciplinar, boletim descritivo, atendimento especializado, desenvolvimento e aplicabilidade da neurociência na Pedagogia (P. 33).

Diante das situações conflituosas e complexas que os professores enfrentam no dia a dia de seu trabalho, é fundamental que se enxerguem no processo, percebam-se como agentes ativos, construtores do

bem comum, mas, para isso, necessariamente precisam se tornar autorreflexivos. “[...] O profissional competente possui capacidades de auto-desenvolvimento reflexivo” (NÓVOA, 1997, p. 27). Romão (2007, p. 17) corrobora a ideia afirmando que

[...] o mais importante é que os sujeitos da mediação pedagógica, educandos e educadores, são, antes de tudo, seres humanos, pessoas de carne e osso, envolvidas por algo não visível, nem palpável, mas que constitui o mais importante fator da saúde, quando equilibrado: o componente afetivo. E os componentes afetivos só podem fazer bem a outrem, quando fazem bem a nós mesmos. Dizendo-o de maneira mais simples, o educador não consegue ajudar quem quer que seja a se auto-educar, se não demonstra ser uma pessoa educada, ou seja, equilibrada, estável, capaz de amar, porque capaz de amar a si mesma. Um educador massacrado pelo mal-estar docente jamais conseguirá fazer bem a quem quer que seja, porque não está bem consigo mesmo.

Nesse sentido, reencantar-se com a profissão docente implica, primeiramente, reencantar-se consigo mesmo como profissional e pessoa.

Poucas respostas evidenciaram um contentamento dos professores com fatores organizacionais. Entre elas, destacamos:

Pequeno período (1990 a 1992) quando da realização de inúmeros cursos pela SEMED, onde havia ‘sede’ dos professores querendo se aperfeiçoar (P. 3).

Cursos feitos para aperfeiçoamento profissional, amizades, passeios de estudo, mostra cultural (P. 16).

A formação contínua pode ser um forte espaço de promoção de bem-estar para os professores, pois, ao ser contínua, permanente e de qualidade, impõe-se como meio de valorizar o trabalho docente. Quando ela consiste numa abordagem analítica, que parte das condicionantes de trabalho e convida o professor a refletir sobre sua prática, organizada, de preferência, em comunidades reflexivas, os professores passam a ser agentes da sua própria formação.

Considerações finais

Os desafios colocados aos professores pela sociedade atual são cada vez mais exigentes e constantes, exacerbando suas funções. Por outro lado, vivemos a submissão do professor a ritmos de trabalho acelerados, maior número de alunos por sala de aula, diminuição de seu salário, desvalorização profissional e baixíssima conservação da estrutura física das instituições educacionais, fatores que contribuíram para o mal-estar docente dos sujeitos desta pesquisa. Reclamações no âmbito interpessoal, como a ausência da família no apoio e acompanhamento dos educandos e a falta de limites dos alunos, foram aspectos que também predominaram como promotores de mal-estar docente.

Diante desse contexto, compreendemos que o mal-estar docente tem razões organizacionais, interpessoais e sociais, evidenciadas na análise dos dados, e, transpassando-os, percebemos um forte sentimento de impotência diante das tarefas que os professores têm de executar para atender às demandas cada vez mais amplas e complexas que lhes são cobradas pela sociedade contemporânea. Os dados da pesquisa mostraram que, quando os professores reportavam-se a fatores de mal-estar docente, todos eles se voltaram a aspectos mais externos. O inverso aconteceu quando pensaram em fatores promotores de bem-estar, situação em que olharam para dentro de si, dando-lhe um caráter mais interno.

Como promotores de bem-estar docente, destacaram-se fatores interpessoais, como as relações professor-aluno e professor-professor; ainda, diante da formação contínua de qualidade, os professores sentem-se valorizados. A aprendizagem dos alunos e o sentimento de ser sujeito ativo na construção histórica da sociedade, promovendo a cultura, foram outros aspectos que trouxeram satisfação aos professores participantes da pesquisa. Entretanto, todos os professores participantes atestaram vivenciar mais situações de mal-estar do que de bem-estar docente ao longo da profissão e, o mais agravante, quase a metade (44%) relatou que, se pudesse voltar, escolheria outra profissão.

Para reverter o atual quadro, em que predomina fatores de mal-estar docente, coadunamos com a ideia da necessidade de que cada professor torne-se construtor de bem-estar a partir de um projeto sistêmico, promovendo sinergias positivas sobre si mesmo, seus alunos, de-mais docentes, escola, família e comunidade. Para isso, precisa analisar permanentemente sua atuação, por meio de metarreflexões. Entretanto, isso não basta. É fundamental que as políticas públicas de educação e as diferentes organizações educacionais, entre elas, as escolas, deem novas respostas aos problemas dos professores. É preciso uma articulação sistêmica entre toda a comunidade escolar, buscando coletiva e cooperativamente a resolução dos problemas reais e concretos da educação.

É importante que os professores estejam bem para educar bem, sendo que a responsabilidade pelo bem-estar dos professores compete às administrações educacionais e aos próprios docentes. As administrações educacionais devem estar conscientes de que o desenvolvimento profissional dos professores e a qualidade do ensino dependem, em grande medida, de os professores sentirem-se compreendidos, valorizados e apoiados, destinando meios e recursos para isso. Os professores, por sua vez, devem reconhecer que a qualidade da sua atividade profissional e sua satisfação com o trabalho dependem fortemente do seu equilíbrio emocional, razão pela qual precisam estar atentos ao seu cuidado. A postura crítico-reflexiva sobre sua prática e a postura coletiva-cooperativa sobre a escola são imprescindíveis para a necessária mudança atual.

Em síntese, os dados obtidos, embora apresentem resultados inconclusos, encaminham para a necessidade de uma reflexão coletiva de todos os envolvidos na educação sobre o que pode ser feito hoje na escola que temos, com os recursos físicos, econômicos, humanos e legais de que dispomos, para aliviar o mal-estar docente, alavancando aspectos que valorizem o professor e, consequentemente, seu bem-estar diante da profissão. Faz-se necessário, também, contribuir para uma perspectiva construtiva e positiva da profissão docente, ajudando os professores a prevenir e atuar diante dos principais indicadores de mal-estar e, fundamentalmente, a se tornar promotores de bem-estar docente.

Referências

- BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. **Burnout**: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- CODO, W. (Coord.). **Educação**: carinho e trabalho: burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CORTESÃO, L. **Ser professor, um ofício em risco de extinção?** Reflexões sobre práticas educativas face à diversidade, no limiar do século XXI. São Paulo: Cortez, 2002.
- ESTEVE, J. M. **El malestar docente**. Barcelona: Laia, 1987.
- ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: EDUSC, 1999.
- HARGREAVES, A. **O ensino na sociedade do conhecimento**: educação na era da insegurança. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- JESUS, S. N. **Bem-estar dos professores**: estratégias para realização e desenvolvimento profissional. 2. ed. Porto: Porto, 1998.
- MANDRA, R. Causas de inadaptación y desadaptación de los enseñantes franceses y dispositivo de ayuda puesto en marcha por el Ministerio de Educación Nacional. In: ESTEVE J. M. (Ed.). **Profesores en conflicto**: repercusiones de la práctica profesional sobre la personalidad de los enseñantes. Madrid: Narcea, 1984. p. 213-222.
- MARCHESI, A. **O bem-estar dos professores**: competências, emoções e valores. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O mal-estar na docência: causas e consequências. **Educação**, v. 19, n. 31, p. 139-146, 1996.
- NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e sua formação**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

NÓVOA, A. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. São Paulo: Sindicato dos Professores de São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>. Acesso em: 19 set. 2013.

NÓVOA, A. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

PICADO, L. **Ser professor**: do mal-estar para o bem-estar docente. 2009. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0474.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2013.

ROMÃO, J. E. Docente: um ser humano acima de tudo. **Visão Global**, v. 10, n. 1, p. 7-22, jan./jun. 2007.

SÁ-CHAVES, I. S. C. **Formação e desenvolvimento pessoal e profissional**: o uso de portfólio reflexivo. Conferência realizada na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) durante o curso “Desenvolvimento profissional e competência reflexiva: estratégias metacognitivas de co-construção de conhecimento”, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Unicamp em 11 de julho de 2005. Campinas, 2005.

SOUZA, J. M. As missões (im)possíveis do professor: o bem/mal estar docente. **Tribuna da Madeira**, Madeira, 18 maio 2001. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/jesussousa/Tribuna/7.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2013.

WAJSKOP, G. **A formação e a iniciação profissional do professor e as implicações sobre a qualidade de ensino**. São Paulo: Fundação SM, 2009. Disponível em: <http://www.oei-idiomics.org/spip.php?article104&lang=pt_br>. Acesso em: 19 set. 2013.

Recebido: 29/09/2011

Received: 09/29/2011

Aprovado: 24/01/2012

Approved: 01/24/2012